



## **SOBRE ENTREVISTAS, DOCUMENTOS E ACERVOS: ANÁLISE A PARTIR DE NARRATIVAS DE BANCO DE DADOS**

Patrícia Weiduschadt<sup>1</sup>  
Renata Brião de Castro<sup>2</sup>

### **Resumo**

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre o uso de entrevistas, buscando analisar aspectos da educação local. Trata-se da escolarização numa colônia de italianos, no interior do Município de Pelotas/RS, na localidade denominada por Colônia Maciel. Para tanto, utilizam-se reflexões, sobre o uso e potencialidades de entrevistas como fontes de pesquisa, essas já constituídas em um banco de dados. Neste sentido, serão realizadas algumas teorizações acerca do conceito de documento e pesquisa documental, apoiando-se principalmente nos estudos de Le Goff (1990). O estudo buscou identificar nas narrativas, itens que se remetem a educação e a escolarização na região, além disso procurou-se destacar, nas falas, elementos acerca da instituição escolar da localidade, a saber, a Escola Garibaldi. Ao utilizar entrevistas produzidas por outros pesquisadores, com outras finalidades busca-se apoio em Grazziotin e Almeida (2012).

**Palavras-chave:** Acervos. Documento/monumento. Memória.

## **ON INTERVIEWS, DOCUMENTS AND ARCHIVES: ANALYSIS FROM DATABASE NARRATIVES**

### **Abstract**

This paper aims to reflect on the use of interviews, trying to analyze aspects of local education. This is the school in a colony of Italians, within the Municipality of Pelotas / RS, in the town called for Cologne Maciel. For this purpose, are used reflections on the use and potential of interviews as research sources, those already established in a database. In this sense, it will be held some theories about the concept of document and documentary research, relying mainly on studies of Le Goff (1990). The study sought to identify the narratives, items that refer to education and schooling in the region also sought to highlight, in the speeches, members of the school about the resort, namely the School Garibaldi. Using interviews produced by other researchers for other purposes seeks to support Grazziotin and Almeida (2012).

**Keywords:** Archives. Document/monument. Memory.

## **SOBRE ENTREVISTAS, DOCUMENTOS Y ACERVOS: EL ANÁLISIS DE LAS NARRATIVAS DE BASE DE DATOS**

### **Resumen**

Este trabajo tiene como objetivo reflexionar sobre el uso de entrevistas que tratan de analizar aspectos de la educación local. Esta es acerca de la escolarización en una colonia de italianos, en el Municipio

<sup>1</sup> Doutorado em Educação pela Universidade do Vale dos Sinos - Unisinos (2012). Professora efetiva do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas - UFPEL.

<sup>2</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas (PPGE/FaE/UFPEL), linha de pesquisa: filosofia e história da educação, bolsista CAPES.

de Pelotas/RS, en la localidad llamado por Colonia Maciel. Para ello, se utilizan reflexiones sobre el uso y el potencial de las entrevistas como fuentes de investigación, estos ya constituidos en una base de datos. En este sentido, se llevará a cabo algunas teorizaciones sobre el concepto de documento y de la investigación documental, basándose principalmente en los estudios de Le Goff (1990). El estudio trata de identificar en estas narraciones, los artículos que se refieren a la educación y la escolarización en la región, además de eso también querido destacar, las hablas, artículos acerca de en la institución educativa de la localidad, a saber, la Escuela Garibaldi. Usando entrevistas producidas por otros investigadores, para otros fine se busca apoyo en Grazziotin y Almeida (2012).

**Palabras-clave:** Acervos. Documento/monumento. memoria.

## 1. A FINS DE INTRODUIZIR

O presente trabalho, irá refletir sobre as potencialidades do uso de entrevistas como fonte em pesquisas acadêmicas, utilizando como suporte metodológico narrativas já constituídas como acervo, de uma instituição museológica, a saber, Museu Etnográfico da Colônia Maciel - MECOM.

Desta forma, o presente estudo busca analisar as entrevistas já compostas, tentando identificar nelas aspectos relativos a escolarização e, a educação na localidade em que a pesquisa está inserida. O *locus* da pesquisa é a Colônia Maciel, este espaço foi colonizado, majoritariamente, por imigrantes de origem italiana, os quais começaram a chegar ao local em fins do século XIX. Desde então, com a chegada dos imigrantes, no espaço territorial foi central a preocupação com a religiosidade e com a escolarização. Assim, no ano de 1928 começa a construção da Escola Garibaldi, objeto da pesquisa. No ano seguinte (1929), iniciam-se as aulas sob a regência de José Rodeghiero, primeiro professor da instituição, atuando durante 22 anos consecutivos (1929 a 1951), sendo que até 1945 foi o único professor da escola.

O espaço escolar é denominado como uma escola multisseriada, por ser uma escola onde há várias turmas, de séries diferentes, em uma única sala, sob a regência de um único professor. (CARDOSO, JACOMELI, 2010).

Sendo assim, este trabalho tem como objetivo identificar nas narrativas, constituídas como acervo, aspectos da escolarização na região e, de forma específica, se há nestas falas menção à Escola Garibaldi e ao primeiro professor, José Rodeghiero.

Quando falamos de entrevistas, é necessário fazer algumas reflexões sobre o campo da memória, uma vez que as narrativas coletadas remetem a rememoração e evocação por parte dos entrevistados. Neste ínterim, serão discutidas no presente artigo, algumas questões importantes de se pensar ao trabalharmos com história oral.

## 2. ESPAÇO DA PESQUISA

A referida escola, está localizada no 8º distrito do município de Pelotas/RS, na localidade denominada de Colônia Maciel. A Colônia Maciel, foi criada no ano de 1885 pelo Governo Imperial, muitos imigrantes de origem italiana foram chegando e se instalando no local (PEIXOTO, 2003).

Anjos, ao escrever sobre o tema, ressalta que um dos motivos que contribuiu para a criação de colônias no município de Pelotas, foi impulsionado por leis que anunciavam, *a posteriori*, uma extinção do trabalho escravo (ANJOS, 2006). E foi, neste contexto de diversificar as atividades econômicas, até então focadas na produção do charque, que foram sendo criadas colônias de imigrantes na zona rural de Pelotas (ANJOS, 2006). E, é nesse contexto que se cria a Colônia Maciel.

No que diz respeito à educação institucionalizada no local, a primeira escola criada na Colônia Maciel é datada de 1910 e, pertencia ao governo estadual, entretanto devido à baixa assiduidade acabou fechando, tendo como professor o senhor José Fontoura Grilo<sup>3</sup>. No ano de 1915, foi criada outra escola, sendo particular, onde o governo pagava parte do salário do professore e a comunidade (pais dos alunos) se responsabilizava pela outra parte (GEHRKE, 2013).

Corroborando com Gehrke (2013), a história da Escola Garibaldi se mescla em certo sentido com a trajetória de José Rodeghiero, pode-se dizer que o contrário também é válido, ou seja, a história do professor converge com a história da instituição.

Neste sentido, é plausível refletir sobre a importância da atuação deste profissional na instituição, uma vez que o tempo de permanência do professor na referida escola é bastante longo, e o quanto se mescla, no período estudado (1928-1951), a figura do professor com a instituição escolar.

O prédio da escola, construído em 1928, abriga atualmente, o Museu Etnográfico da Colônia Maciel – MECOM. A referida instituição museológica, foi inaugurada no ano de 2006, sendo originário de um projeto de pesquisa do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia – LEPAARQ – da Universidade Federal de Pelotas. De acordo com os autores, o MECOM “visa pesquisar, difundir e preservar a história da comunidade italiana na colônia de Pelotas [...]”. (PEIXOTO et al, 2008, p. 4).

No que diz respeito às entrevistas analisadas neste artigo, as mesmas foram realizadas, gravadas e transcritas pela equipe que trabalhou/trabalha no Museu da Colônia Maciel e, hoje

---

<sup>3</sup> Dados obtidos através do manuscrito escrito por José Rodeghiero, o referido manuscrito se encontra disponível no arquivo da Escola Garibaldi.

se constituem como acervo do MECOM. Essas entrevistas, foram produzidas no período entre os anos de 2000 e 2006, entretanto as memórias nelas contidas remetem a um passado mais longínquo, trazem um panorama do período de tempo do início da formação da colônia, e, a vida dos colonizadores.

### **3. SOBRE ENTREVISTAS, HISTÓRIA, MEMÓRIA E DOCUMENTO**

Como já sinalizado anteriormente, ao se trabalhar com entrevistas, as quais são fontes orais, é necessário refletir sobre o campo da memória, no momento da narrativa, o entrevistado vai lembrar e evocar suas lembranças, de acordo com suas vivências, sua história de vida e, sua inserção em determinado contexto ou grupo social. Assim, não se está procurando uma reconstituição do passado tal como aconteceu, mas sim uma interpretação do mesmo, não se busca uma reconstrução do passado, pois o vivido e o (re) lembrado possuem dimensões diversas.

É importante pensar, sobre a relação entre entrevistador e entrevistado, uma vez que no ato da entrevista ambos, juntos, constroem uma visão sobre o passado. Neste sentido, utilizamos as reflexões de Errante (2000, p.151), para a autora: “O evento da história oral em si mesmo deve fomentar esse senso de confiança, de respeito e validação à medida que a rememoração, o ato de contar, a audição e a investigação se desenvolvem. Tanto o narrador quanto o historiador devem construir esta ponte”

Portelli, também versa nesse sentido,

O segundo nível remete à relação entre os historiadores e os narradores orais que entrevistamos. Porque, como eu dizia antes, não são objetos da investigação, mas sujeitos de um projeto compartilhado, de um diálogo entre entrevistado e entrevistador. Um diálogo em que os papéis se modificam, mudam, em que nem sempre é o historiador quem faz as perguntas, há perguntas colocadas pelo entrevistado. Há duas agendas que se encontram: a agenda do historiador, que tem perguntas, algumas coisas que queremos saber; e a agenda do entrevistado, que aproveita a presença do historiador para contar as histórias que quer contar, as quais não são necessariamente as histórias que buscamos. E talvez, amiúde, são mais interessantes do que as histórias que buscamos (PORTELLI, 2010, p. 3-4).

Torna-se necessário, levar em consideração quando se analisa entrevistas essa relação que se estabelece entre ambos os sujeitos. No caso das narrativas, essas foram estudadas (através da leitura da transcrição) tentando ver o posicionamento dos entrevistados, quais suas preocupações para com a conversa, quais os temas que eram recorrentes em seus questionamentos, bem como se prestou atenção na maneira como os narradores se portavam

com essas questões e, também o que aparecia na fala dos entrevistados de uma maneira, digamos, mais espontânea.

Voltando a falar de história oral, essa durante algum tempo, foi considerada uma fonte de menor importância, em relação aos documentos escritos, com o passar do tempo é que foi ganhando espaço e importância no meio acadêmico. Conforme Thomson, no final dos anos 70, os historiadores se tornavam menos defensivos em relação à história oral e, declaravam que essa poderia ser mais uma fonte e não um problema (THOMSON, 2002). Na História da Educação, mais especificamente, a ampliação das fontes e objetos de pesquisa se dá aproximadamente nos anos 60 do século XX na Europa e, no Brasil por volta de 1980 (LOPES, GALVÃO, 2001).

Ao pensar e planejar a realização de entrevistas, é necessário refletir sobre os procedimentos que norteiam sua utilização, como por exemplo, a rememoração de memórias e a maneira como os sujeitos entrevistados “lembraram” de suas histórias. Além disso, a maneira como cada um dos sujeitos entrevistados irá (re) lembrar suas vivências, será diversa, uma vez que, cada indivíduo tem as suas percepções acerca de determinado assunto, acontecimento e trajetória de vida. O que fará com que cada um, evoque suas memórias e experiências de maneira também diversificada.

Candau (2014, p. 71), também converge nesta direção quando escreve que, “o ato de memória que se dá a ver nas narrativas de vida ou nas autobiografias coloca em evidência essa aptidão especificamente humana que consiste em dominar o próprio passado para inventariar não o vivido, mas o que fica do vivido”.

Ao pensarmos em história oral, igualmente é relevante abordar as reflexões sobre a memória, uma vez que as entrevistas abrangem uma dimensão de rememoração. Neste sentido, é conveniente pensar acerca da memória, visto que são reflexões necessárias a se fazer, a fim de relativizar e ter um cuidado quando na análise dos dados obtidos, pois é necessário que se tenha uma preocupação metodológica e, essa compreensão de que não estamos reconstruindo o passado, é importante. Entretanto, este aspecto não torna uma pesquisa de menor importância, uma vez que ao trabalharmos com memória e com história, não estamos buscando alcançar a verdade dos fatos, e sim, uma versão deste passado, a partir do conjunto de fontes e documentos de que dispomos. Assim, que o estudo está ancorado na história cultural (PESAVENTO, 2004). Esses documentos, nos dão uma visão sobre o passado, são fragmentos deste período de tempo, nos fornecem subsídios para problematizar e embasar as reflexões teóricas e metodológicas.

De acordo com Bosi, há uma relação entre a memória dos indivíduos e a memória do coletivo, conforme a autora “[...] a memória individual depende de seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, enfim com os grupos de convívio e os grupos de referência a este indivíduo.” (BOSI, 1987, p.17).

Halbwachs, é um dos autores que enfatiza as questões referentes a memória individual e coletiva, para o autor a rememoração individual se assenta na memória coletiva, conforme este:

Conceder-nos-ão, talvez, que um grande número de lembranças reaparecem porque nos são recordadas por outros homens; conceder-nos-ão mesmo que, quando esses homens não estão materialmente presentes, se possa falar de memória coletiva quando evocamos um acontecimento que teve lugar na vida de nosso grupo e que considerávamos; e que considerávamos ainda agora, no momento em que nos lembramos, do ponto de vista desse grupo [...] (HALBWACHS, 1990, p. 36).

Trazendo a escrita dos autores para o contexto da pesquisa, é interessante pensar sobre a relação entre a escola, a comunidade e, a forma como as pessoas entrevistadas irão relembrar suas experiências, tendo em mente que a memória é construída dentro de determinado grupo, comunidade ou contexto social. É válido ponderar, que o pertencimento dos sujeitos entrevistados a determinado contexto ou grupo social, irá também influenciar no momento da rememoração e evocação de suas lembranças.

Retomando a reflexão sobre documento, as entrevistas utilizadas para a pesquisa são tratadas como tal, pois a partir do momento em que se realiza a entrevista ou, quando se lê a transcrição de uma entrevista, realizada em outro momento, transforma-se este acervo oral em documento. Neste sentido, buscamos apoio em Le Goff, para o autor: “Documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz, deve ser em primeiro lugar analisado, desmistificando seu significado aparente. O documento é monumento” (LE GOFF, 1990, p. 472).

O autor, continua tratando da definição e da ampliação do termo: “documento”, este era entendido pelos positivistas como texto, ou seja, inscrito no suporte papel. Ainda sobre documento textual, o autor escreve: “afirma-se essencialmente como um testemunho escrito” (LE GOFF, 1990, p.463). Por outro lado, cita Samaran para dizer que "há que tomar a palavra 'documento' no sentido mais amplo, documento escrito, ilustrado, transmitido pelo som, pela imagem, ou de qualquer outra maneira" (SAMARAN 1961, p. XII *apud* LE GOFF, 1990, p. 446).

Neste contexto, compreende-se o alargamento da definição de documento, o qual passa a ser percebido não só no suporte papel, mas também em outros suportes, extravasando

o bidimensional. E, é nesse sentido que se entende as entrevistas, do banco de imagens e sons do MECOM, como documento.

Vale citar Mário Chagas, que numa perspectiva museológica trata objetos, como documento, desde que haja um olhar crítico acerca dos mesmos. De acordo com o autor, “um documento se constitui no momento em que sobre ele lançamos o nosso olhar investigativo” (CHAGAS, 1996, p.43). Reforçamos a ideia das entrevistas enquanto documento, com base também na ideia de Chagas, uma vez que olhamos para elas como um olhar investigativo, a fim de questionar e problematizar dentro das inquietações da pesquisa.

Cabe ressaltar a importância dos estudos de Grazziotin e Almeida, sobre o uso de entrevistas já constituídos, de acordo com as autoras:

A utilização de acervos de memória oral é outro modo de pesquisa que entende a memória como documento e História Oral como metodologia. A legitimidade na utilização de arquivos orais ocorre muito pela riqueza de informações que alargam a vida dos sujeitos que nesses espaços que “guardam” suas memórias. Trabalhar com memórias de acervos constitui um desafio, é a possibilidade concretizada de dar outra perspectiva a documentos construídos, por vezes, durante anos, atribuindo, assim, movimento a algo que está em inércia (GRAZZIOTIN; ALMEIDA, 2012. p. 41).

Concordamos com as autoras, quando estas escrevem que a utilização de acervos de história oral coloca em movimento algo que está em inércia, em consequência de que as narrativas foram originadas a partir de outra (s) pesquisa (s), para outras finalidades e contexto. Após esse uso, pode-se dizer imediato, as fontes se transformam em acervo e, quando se (re) utiliza este material, está proporcionando outra visão e outra problematização para essas fontes, sob outro viés de pesquisa, outro campo teórico e metodológico que às vezes não o mesmo pelo qual as entrevistas foram originalmente concebidas.

Grazziotin e Almeida, seguem neste sentido ao discorrer que “[...] a memória constitui-se em documento, e a História Oral é a metodologia aplicada no intuito de operacionalizar o diálogo entre teoria e dados empíricos, promovendo outras perspectivas de conhecimento do passado” (GRAZZIOTON; ALMEIDA, 2012, p. 35-36).

É importante ressaltar, que estas entrevistas nos trazem a potencialidade de uma dimensão do universo da pesquisa, e embora não se remetam especificamente a educação na colônia e a escola pesquisada, abordam assuntos relevantes para entender a formação do espaço, a comunidade, a colonização no local e, também a importância dada ao ensino na localidade.

Concordamos com Reis, quando escreve que: “[...] é o problema e não a documentação que está na origem da pesquisa e sem um ‘sujeito que pesquisa’, sem o historiador que procura respostas para questões bem formuladas, não há documentação e não há história” (REIS, 2000, p. 38).

É necessário também, juntamente com a problematização da fonte, refletir sobre o contexto de produção dos documentos, neste sentido Le Goff traz que:

O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de força que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa (LE GOFF, 1990, p. 476).

Mais uma vez nos baseamos nas reflexões de Le Goff, para pensarmos sobre documento, como afirma o autor, é um produto da sociedade que o fabricou e, assim a problematização se faz relevante. Os documentos por si só, não nos dizem nada ou, dizem muito pouco sobre os aspectos que buscamos investigar/analisar, é necessário que se problematize as fontes/documentos a fim de responder as nossas indagações, diríamos que é salutar fazer interrogações e questionamentos aos documentos. Trazendo esta reflexão para o contexto da pesquisa, pode-se dizer que ao olhar as entrevistas e analisá-las pelo viés da História da Educação, devemos entender o contexto de produção dessas, quais as finalidades e intenções de que os produziu, ou como diria Le Goff da sociedade que o fabricou.

Voltando as entrevistas, essas num primeiro momento foram selecionadas *a priori*, por indicarem na sua descrição, que as narrativas possuíam tópicos/itens que se referiam ao tema educação e, mais especificamente sobre a Escola Garibaldi e o professor José Rodeghiero (cinco entrevistas), posteriormente estendeu-se a análise nas demais entrevistas do acervo. Um total de trinta e duas entrevistas foram “copiadas,<sup>4</sup>” a fim de fazer a leitura atenta do material, relacionar com a pesquisa e seus pressupostos teóricos metodológicos.

Ao analisar as entrevistas, percebemos que algumas delas possuem o item sobre a data de nascimento, ou seja, nessas é possível ver com clareza a idade dos entrevistados; a data de nascimento dos narradores, se situa entre os anos 10, 20, 30 e 40 do século XX. As demais, 17 entrevistas, não possuem esse item sobre a idade dos indivíduos, porém pelas lembranças que os depoentes evocam, sobre o grau de parentesco que tem com os descendentes que vieram da Europa e, tendo em mente que as entrevistas foram realizadas entre 2004 e 2006, podemos concluir que os entrevistados eram pessoas idosas.

---

<sup>4</sup>Aqui o termo “copiadas”, remete a transferência de arquivo digital para o computador das pesquisadoras.

Ao trabalhar com as transcrições dos relatos, fomos percebendo ao longo da leitura que havia poucas informações sistematizadas, no que diz respeito ao tema da educação institucionalizada na Colônia Maciel e na Escola Garibaldi. O que se percebe, são algumas breves incursões, em alguns momentos, fala-se de aspectos da educação permeados por outras direções e outros assuntos.

A equipe que produziu as narrativas, que hoje constituem o banco de imagens e sons do Museu Etnográfico da Colônia Maciel, buscou mapear a constituição do núcleo colonial, como se deu a colonização deste espaço, o cotidiano da comunidade, as dificuldades ou não enfrentadas no início do povoamento. Não possuía como questão principal a escolarização, entretanto, mesmo não sendo central, aparece nas narrativas aspectos relativos a educação e a escolarização, de forma implícita.

Destacam-se na narrativa, quem da família do entrevistado veio da Itália, de que região, como se estabeleceram na região; outro assunto que aparece são as festas, bailes na comunidade; falas referentes à construção da ferrovia; sobre a maneira de subsistência no local, no início da colonização. Sobre a Escola Garibaldi e a escolarização na localidade, há poucas falas e não é aprofundado o assunto.

Inicialmente, procurou-se observar qual foi a preocupação por parte dos entrevistadores, quais eram as questões recorrentes nas narrativas, sendo notado que alguns itens se repetiam em muitas das entrevistas. Um dos assuntos que surge de forma bastante intensa, é a vinda dos imigrantes italianos para a região, quem da família do entrevistado imigrou para o Brasil, como foi a viagem, a decisão de emigrar e como foi a chegada na Maciel. Outros temas também surgiam com bastante ênfase tais como: se existiam índios na região logo no início da colonização; a construção de casas de pedra; a relação entre as etnias italiana e alemã; os moinhos que foram construídos na localidade; a respeito da segunda guerra mundial e as perseguições aos “estrangeiros” da região; perguntas mais voltadas a agricultura na localidade, o que plantavam, a produção de vinho; questões relativas a infância e as brincadeiras; indagações no que tange a história de assombração pela região.

O que se coloca como análise, entre outros aspectos, é o fato de que o campo da História da Educação tem sido muitas vezes pouco valorizado, de forma geral, pela área da história e isso, pode ter como consequência o fato das entrevistas não contemplarem a temática das relações escolares dos imigrantes.

Corroborando nesta direção, Lopes e Galvão mencionam que: [...] a História da Educação não se desenvolveu, em sua trajetória, como uma área da História, embora seu objeto fosse (seja) extremamente importante para se compreender o passado das sociedades.

No campo a história, a educação tem sido, tradicionalmente, um objeto ignorado ou pouco ‘nobre’ [...]” (LOPES; GALVÃO, 2001, p. 25-26). Assim, é que talvez não apareçam nas falas muitos aspectos referentes à educação institucionalizada, além do fato das entrevistas possuírem outro objetivo, que não o de historiar a educação.

Encontramos algumas falas, na entrevista que foi feita com os filhos do professor, José Rodeghiero, e em alguns momentos, em outras narrativas. Abaixo segue alguns trechos retirados das entrevistas que remetem, de forma explícita a Escola Garibaldi e a professor.

Quando perguntado se existia escola na comunidade, os entrevistados relatam: “Sim, a Escola Garibaldi, e a capela era meio rústica, mas funcionou uma porção de vezes, até construírem a igreja mesmo”. Outros exemplos de resposta, para a mesma tipologia de questionamento:

“Na Maciel acho que tinha colégio [...] Aquele colégio pequeno, ali, como é, que querem fazer o museu, uma coisa assim [...] Ali era o colégio eu lembro”.

“Nós estudávamos [...] Eu estudei na, e a minha irmã, na escola Garibaldi. Aí onde está o museu. Do professor José Rodeguero”, “No colégio onde vai ser o Museu, na Garibaldi.”<sup>5</sup>

Aqui mostramos, de forma geral, alguns momentos que surge a questão da educação. O que percebemos, é que a instituição educativa (Escola Garibaldi), bem como a figura do professor José Rodeghiero, está presente na memória dos sujeitos que foram entrevistados e também de uma forma geral na memória da comunidade.

#### **4. ASPECTOS CONCLUSIVOS**

Esse estudo, teve como intuito refletir sobre o uso de entrevistas como fonte em pesquisas históricas, mais especificamente na História da Educação, narrativas essas que se constituem como acervos. Elas foram produzidas por outros pesquisadores, com outro viés que não o desta pesquisa e, também em outro momento. Como salientado anteriormente, consideramos que as entrevistas do acervo oral são documentos, na acepção de documento elencada por Le Goff (1990).

A produção destas entrevistas, foi no contexto de criação do MECOM, sendo que a preocupação central, foi pontuar questões mais específicas sobre a colonização italiana na região, como foi à vinda dos familiares dos entrevistados para a Colônia Maciel, como ficavam acomodados após chegarem, além de aspectos da vida cotidiana.

---

<sup>5</sup> Trechos retirados das entrevistas analisadas, as quais fazem parte do Museu Etnográfico da Colônia Maciel, e estão catalogadas pelos números de inventário da instituição museológica.

Vale ressaltar, a relevância da história oral nas pesquisas e, especificamente aqui na História da Educação. Esta metodologia, se configura como um importante instrumento para se conhecer histórias de vida, e/ou instituições e produzir novos dados para a pesquisa futura, que poderiam não estar contemplados em fontes documentais escritas. Fazer o cruzamento de fontes, é algo bastante importante no processo de pesquisa científica.

Nesta conjuntura, legitima-se a importância da disponibilização de entrevistas em banco em dados, uma vez que possibilitam pesquisas de outros sujeitos e, outras áreas que não a primeira que organizou estas fontes. No caso, específico desta pesquisa, na análise do conjunto das narrativas, foi possível pensar a realização de outras entrevistas para a investigação maior, que é o estudo de mestrado, bem como a consulta de documentos.

## REFERÊNCIA

- AMADO, Janaína. O Grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral. **História**. São Paulo, 14:125-136, 1995
- ANJOS, Marcos Hallal dos. **Estrangeiros e Modernização: a cidade de Pelotas no último quartel do Século XIX**. Pelotas: Ed. Universitária/ UFPel, 2000.
- BIBLIOTECA RIOGRANDENSE (Rio Grande/RS). Relatório da Intendência apresentado ao Conselho Municipal pelo Intendente DR. Augusto Simões Lopes em 20 de setembro de 1927. Pelotas: Globo, 1927.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. TA, 1979.
- CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. 1ª ed. 2ª reimpressão. São Paulo, Contexto, 2014.
- CHAGAS, Mário. **Museália**. Rio de Janeiro: JC editora, 1996.
- CARDOSO, Maria Angélica; JACOMELI, Mara Regina Martins. Estado da arte acerca das escolas multisseriadas. **Revista HISTEDBR On-Line**, v. 10, n. 37e, 2010.
- ERRANTE, Mas afinal, a memória é de quem? Histórias orais e modos de lembrar e contar in: **História da Educação**, Asphe, n. 8, setembro de 2000.
- GEHRKE Cristiano. **Imigrantes italianos e seus descendentes na zona rural de Pelotas/RS: representações do cotidiano nas fotografias e depoimentos orais do Museu Etnográfico da Colônia Maciel**. Instituto de Ciências Humanas, Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural. Universidade Federal de Pelotas, 2013.
- GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi Santos; ALMEIDA, Dóris Bittencourt. **Romagem do tempo e recantos da memória: reflexões metodológicas sobre História Oral**. São Leopoldo: Oikos, 2012.
- HALBWACHS Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice Editora, 1990, p. 25-52.
- JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista brasileira de história da educação**, v. 1, n. 1 [1], p. 9-43, 2001.
- LE GOFF. Documento/monumento. In: **História e Memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. – (o que você precisa saber sobre)

NEIS Fabiano; CERQUEIRA, Fábio Vergara. O banco de imagens e sons do Museu Etnográfico da Colônia Maciel: novas narrativas sobre a colônia italiana em Pelotas. In. XXII CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, 2013, Pelotas. **Anais eletrônicos ...** Pelotas: UFPel, 2013. Disponível em: <<http://www2.ufpel.edu.br/cic/2013/index.php?sec=anais&area=sa>>. Acesso em 10 out. 2014.

PEIXOTO, Luciana Silva et al. Museu e identidade: o projeto da Colônia Maciel. In: **Horizontes de maíz y barro: saberes e imaginarios en diálogo hacia un nuevo orden social: memorias del 4to. Foro Latinoamericano " Memoria e Identidad"**, Montevideo. Signo Latinoamérica, 2008. p. 148. Disponível em <[www.fundacaobunge.org.br/uploads/.../museu da maciel montevidéu](http://www.fundacaobunge.org.br/uploads/.../museu_da_maciel_montevideo)>. Acesso em 23 mar. 2015.

PEIXOTO, Luciana. **Memória da imigração italiana em Pelotas / RS - Colônia Maciel: lembranças, imagens e coisas**. Monografia de conclusão do curso de Licenciatura em História– UFPEL. Pelotas, 2003.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. 2. ed. Belo Horizonte, Autêntica, 2004.

PORTELLI, Alessandro. História oral e poder. **Mnemosine**, v. 6, n. 2, 2010.

REIS, José Carlos et al. Os Annales: a renovação teórico-metodológica e utópica da história pela reconstrução do tempo histórico. **História e história da educação: o debate teórico metodológico atual**. Campinas, autores Associados/HISTEDBR, 1998.

THOMSON, Alistair. **Histórias (co) movedoras: História oral e estudos de migração**. Rev. Bras. Hist. [online]. 2002, v.22, n.44 [cited 04 April 2006], p.341-364. Available from World Wide Web: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01882002000200005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882002000200005&lng=en&nrm=iso)>. ISSN 0102-0188

WEIDUSCHADT, Patrícia; FISCHER, Beatriz T. Daudt. História oral e memória: aportes teórico-metodológicos na investigação de trajetórias docentes. In: FERREIRA, M. O.; FISCHER, B. T. D; PERES, L.M.V. (orgs). **Memórias docentes: abordagens teórico-metodológicas e experiências de investigação**. São Leopoldo: Oikós; Brasília: Liber Livro, 2009, p. 66-82.